

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

MEMÓRIA E EDUCAÇÃO DO GINÁSIO PADRE PALMEIRA

EDUCATION AND MEMORY OF “PADRE PALMEIRA GYMNASIUM”

Lívia Diana Rocha Magalhães¹, Ana Palmira Bittencourt S. Casimiro²

Recebido para publicação em 22/09/07

Aceito para publicação em 08/10/07

RESUMO

Quem foram os sujeitos sociais, que tiveram acesso ao ensino ginasial em Vitória da Conquista, na Bahia, entre os anos de 1930 até início dos anos 1960? Quais eram a importância e o papel dessa escola? A quem ela estava principalmente destinada, considerando que, até os anos de 1960, o curso ginasial tinha a função de selecionar, de excluir do acesso ao ensino secundário e, logo, desse para o ensino superior, boa parte da população de alunos do ensino primário? O presente trabalho apresenta o Ginásio de Conquista, popularmente conhecido como ‘Ginásio do Padre’, por ter sido fundado pelo Padre José Luis Soares Palmeira, e questiona sobre a existência desses sujeitos. Estamos colhendo depoimentos orais, por meio de entrevistas e seminários, que têm permitido reconstituir e localizar os respectivos professores, donos ou contratados pelas escolas. Tomando por base o método dialético, ao mesmo tempo em que buscamos e processamos as fontes documentais, afirmamos a importância da “oralidade produzida mediante entrevistas com pessoas de longa vivência ou fortes vínculos culturais na comunidade estudada

Palavras-chave: Educação, Memória, Ginásio de Conquista, Gerações.

ABSTRACT

Who were the social individuals who had access to the high school system in “Vitória da Conquista”, in Bahia, between the decade of 1930 and the beginning of the decade of 1960? What was the importance and the role of this school? To whom was it principally destined, taking that, up to the years of 1960, the middle school system had the function to select, to exclude from the access to the high school and doing so, from this to the university, a significant part of the population of students from the elementary school? The present work presents the High school of Conquista,

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, lrochamagalhaes@gmail.com

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, apcasimiro@bol.com.br

popularly known as ‘Ginásio do Padre’ (‘Secondary school of the priest’), because it was established by the Priest José Luis Soares Palmeira, and also questions the existence of this person. We are collecting oral testimonies, through interviews and seminars, which have been allowing the reconstitution and to location of the respective teachers, owners or contracted by the schools. Taking as base the dialectic method, at the same time in which we look and prosecute the documentary sources we affirm the importance of the “orality produced by means of interviews with people of long existence or strong cultural bonds in the studied community.”

Key words: Education, Memory, High school of Conquista, Generations

Introdução

Até o final da década de 1960, o ensino secundário brasileiro foi constituído, em cada momento histórico, predominantemente de exames parcelados, destinados a poucos privilegiados, na maioria dos casos, em cidades prósperas das regiões do País. Após a chamada Reforma Francisco Campos é instituída a seriação para todo o curso secundário oferecido no País.

Mais precisamente, com a Lei Orgânica do Ensino Secundário: Decreto-Lei 4.244 de nove de abril de 1942, é organizado o curso secundário, composto de um primeiro ciclo, com quatro (4) séries, denominado de Ginásial, e de um segundo ciclo, composto pelo curso Clássico ou Científico, para uma opção ou para outra, de três (3) séries. Para a admissão no curso secundário, o aluno devia prestar um exame de admissão.

A Lei Orgânica, a pouco mencionada, acentua, no capítulo V, que o aluno, para matricular-se no ensino secundário, ou seja, para ingresso no curso ginásial, necessitava apresentar prova de que não portava doença contagiosa e apresentar atestado de vacinação. Ademais, consta, no artigo 32, que o aluno deveria: a) ter pelo menos onze anos, completos ou por completar até o dia 30 de junho e ter recebido satisfatória educação primária; b) ter revelado, em exames de admissão, aptidão intelectual para os estudos secundários;

No capítulo VI “Dos exames de admissão” a lei instrui que esses exames poderão ser realizados em duas épocas, dezembro e fevereiro. Cobra as exigências do artigo 31 e 32 (anteriormente citados) e ressalta, nos parágrafos 2º e 3º, respectivamente, que em

caso de o aluno não ser aprovado em primeira época, o mesmo poderá inscrever-se na segunda época, mas não pode, na mesma época, repetir os exames em outros estabelecimentos.

Na exposição de motivos da Lei Orgânica do Ensino Secundário, o Ministro de Educação Gustavo Capanema, exalta e situa o estado do ensino secundário da época:

O sistema vigente de ensino secundário data de 1931. Dentre as vantagens que deles provieram para a educação no país é de notar antes do mais a concepção que lhe serviu de base, isto é, a afirmação do caráter educativo do ensino secundário, em contraposição à prática então reinante de considerá-lo como mero ensino para os cursos do ensino superior [...] Dessa concepção decorreu um corolário de importância fundamental: a metodizarão do ensino secundário, isto é, a seriação obrigatória de seus estudos e a introdução nesses estudos de uma disciplina pedagógica [...] Representa por outro lado, significativo resultado da legislação ora em vigor ter facilitado a generalização do ensino secundário, antes ao alcance de poucos, a todos os pontos do país. Havia no Brasil, em 1931, menos de duzentas escolas secundárias, hoje essas são quase oitocentas (LEI 4.024/1961).

E, distinguindo a função da escola primária da escola secundária, o então ministro prossegue:

O ensino primário deve dar os elementos essenciais da educação patriótica. Nele o patriotismo, esclarecido pelo conhecimento elementar do passado e do presente do país, deverá ser formado como um sentimento vigoroso, como um ato de fervor de indissolúvel apego e é indefectível fra-

gilidade para com a pátria [...] Já o ensino secundário tem mais precisamente por finalidade a formação da consciência patriótica [...] É que o ensino secundário e destina a preparação das individualidades condutoras, isto é, dos homens que deverão assumir as responsabilidades maiores dentro da sociedade e da nação, dos homens portadores e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas, que é preciso tornar habitual entre o povo [...] (LEI 4.024/1961).

Esse nível de ensino, mesmo depois do Estado Novo, seguiu recebendo atenção e cuidados do Ministério da Educação, conforme a Portaria n.º. 375 de 16 de agosto de 1949, emitida pelo Ministro de Educação Clemente Mariani que é, depois, compatibilizada com a portaria ministerial n.º. 501 de 1952 (*apud* NÓBREGA, s.d). Daí, pode se observar o quanto havia de exigências para as escolas desse nível de ensino. Ante-sala do ensino superior, o ensino secundário, até então, era tratado de forma minuciosa, inclusive quanto à infra-estrutura, tendo, como modelo, o privilegiado Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

Com a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 4.024/61, é instituída, de certa forma, a continuidade entre o ensino primário e secundário, todavia, esta organiza o ensino em primário, ginásial e secundário e, ainda, submete as crianças ou adolescentes ao exame de admissão, para ingresso no ensino.

A despeito da constatação do caráter classista do ensino secundário, evidente hoje, quando observamos que a maior parte da população de adultos mais velhos, apresenta baixa escolaridade, ainda é necessário estudar “[...] questões pouco esclarecidas nas relações que se estabeleceram ao longo do tempo entre diferentes segmentos da população no processo de escolarização”. (DEMARTINI 1997, p 273),

Nessa perspectiva, cabe perguntar: quem foram os sujeitos sociais, que tiveram acesso à escola ginásial em Vitória da Conquista entre os anos finais de 1930 até o início dos anos de 1960? Qual era a importância e papel dessa escola? A quem ela estava destinada, considerando que até os anos de 1960, o curso ginásial tinha a função de selecionar, de excluir do acesso ao ensino secundário, e deste para o ensino superior, boa parte da população de alunos do ensino primário? Quais

eram as concepções pedagógicas, a prática docente, as relações entre professores e alunos e o cotidiano escolar, naquele tempo e lugar?

É possível que as fontes documentais orais e escritas, possam sinalizar modelos importantes para se analisar as principais características da escola, num dado momento da História. É assim que, da junção das ‘peças’ que constituíram uma escola, estamos tentando re-brotar o meio ambiente e o modo como a educação se concretizou, nas décadas focalizadas. Na atual fase da pesquisa, estamos privilegiando as representações dos alunos das escolas de Vitória da Conquista, a começar pela primeira escola ginásial, por meio de fontes documentais escritas e orais, no caso, do ‘Ginásio de Conquista’, conhecido popularmente como ‘Ginásio do Padre Palmeira’, ou, simplesmente, Ginásio do ‘Padre’. Nessa comunicação, vamos focalizar, por meio das ‘falas de ex-alunos’, as lembranças que trazem na sua memória, ou seja, os registros que começam a nos ajudar a delinear a História da Educação em Vitória da Conquista, como parte de um todo, já re-significado.

Aspectos teóricos e metodológicos

Ainda hoje, o pesquisador que quiser se debruçar sobre a história cultural e da educação em Vitória da Conquista e Região adjacente, desde os primórdios, conta com os depoimentos de testemunhas ainda vivas ou de herdeiros e guardiões dos relatos comunitários. A exemplo do que recomenda Neves (2002: 101), ao afirmar a importância da “oralidade produzida com entrevistas de pessoas de longa vivência ou fortes vínculos culturais na comunidade estudada, de notório saber sobre ela ou que, com ela, estabeleceram relações prolongadas” este foi um dos procedimentos metodológicos utilizados por nossa equipe, nesta fase da coleta.

Queremos dizer que, para efeito didático, a pesquisa aqui apresentada foi dividida em etapas e categorias de análise, sendo que, no momento, estamos efetuando levantamento bibliográfico, levantamento histórico da expansão urbana da cidade e, ao mesmo tempo, realizando seminários temáticos e colhendo alguns depoimentos orais que têm permitido reconstituir e lo-

calizar os primeiros estabelecimentos escolares, bem como os respectivos professores, donos ou contratados pelas escolas. É o que pretendemos fazer quanto ao Ginásio do Padre Palmeira.

Nesses depoimentos orais, além de utilizarmos os métodos tradicionais de entrevistas (RICHARDSON 1999: 207-218), convidamos essas pessoas de fortes vínculos com a comunidade para, em seminário, dialogarem com os pesquisadores do Museu. Assim, articulados com o Projeto Diretor do Museu Pedagógico: *A EDUCAÇÃO NA CIDADE DE VITÓRIA DA CONQUISTA: as leis; os sujeitos; os espaços; suas representações e seus materiais – dos primórdios ao século XXI*, realizamos no dia 28 de julho de 2004 a I Jornada: Pessoas de Notório Saber sobre a Região. No ano passado, voltamos a realizar, no dia 27 de outubro de 2006, a II Jornada: Memórias do Ginásio Padre Palmeira, por compreender que a recuperação da memória e das fontes históricas da educação em Conquista deveria começar pelo seu primeiro Ginásio, lugar que abriga hoje as atividades do Museu, e para dar voz aos seus ex-alunos e pessoas ligadas ao seu fundador: Padre Luiz Soares Palmeira, a maioria, pessoas de comprovado conhecimento sobre os fatos ligados a este lugar.

Durante semanas, junto com a equipe do Museu, alguns dos ex-alunos, considerados na comunidade regional como pessoas de ‘notório saber’, se empenharam na organização de depoimentos e na elaboração da lista dos ex-alunos, tarefa árdua, uma vez que muitos já são falecidos e outros residem em cidades diversas. Até o dia do evento, foram levantados, de memória, 415 nomes de alunos e, nas reuniões que antecederam a II Jornada, muitos dos nomes (ou apelidos) lembrados eram carinhosamente acompanhados de relatos pitorescos e lembranças da pedagogia segura, firme e, muitas vezes, dura, do Padre Palmeira, ou do ‘considerado’ excelente corpo docente do Ginásio de Conquista.

O tempo previsto para a jornada parecia curto para nove palestrantes, mas, ao final das palestras, constatamos que nenhum deles poderia ter sido dispensado, dada a riqueza das informações advindas. Ademais, a atenção do público ouvinte, sua emoção, lágrimas contidas e o enorme cabedal de informações

sobre o Ginásio, a pedagogia dos seus professores, o carisma do Padre Palmeira, o perfil emblemático do Professor Everardo, dentre outros aspectos pedagógicos, nos mostraram que convidados e pesquisadores foram agraciados com importantíssimos relatos orais, considerados mesmo como ‘fontes primárias’, por pessoas que conviveram diretamente com o Padre Palmeira e estudaram, durante anos, naquelas mesmas salas que hoje sediam os grupos de pesquisa do Museu Pedagógico. Em resumo: não houve cansaço.

Outros relatos, evocados por memórias nítidas, trouxeram informações igualmente importantes tanto sobre a vida econômica, social e política da região, quanto sobre os hábitos, costumes, moralidade, valores, enfim, sobre a cultura de Conquista entre o final da década de 30 até meados da década de 60 do século XX, como podemos observar pela ordem das palestras dos seguintes ex-alunos:

José Pedral Sampaio, o qual revelou as diversas faces do **Padre Luis Palmeira: Homem Religioso, Educador e Político**; Durval Menezes, que defendeu o tema: **A Importância do Padre Palmeira para o Desenvolvimento de V. da Conquista**; Nudd David de Castro, que emocionou a todos com o relato sobre o seu pai, **Professor Everardo Públio de Castro: vida e obra**; Élquisson Dias Soares, que demonstrou a **Influência de Caetité na Educação da Região Sudoeste da Bahia**; Anna Gerúzia Bittencourt Ferraz, que dissertou, a partir da sua própria experiência de vida, sobre **Costumes e Moda na Década de 50 e sua Influência no Comportamento dos Alunos do Ginásio Padre Palmeira**; Humberto Flores dos Santos, pela sua lúcida memória sobre **Os Professores do Ginásio de Conquista: vidas, obras, concepções pedagógicas**; Ubirajara Brito que, com argúcia e memória, abriu um leque de possibilidades para pesquisas sobre **Os Alunos do Ginásio e a Transição Política e Educacional de Vitória da Conquista**; Wady Barbosa Bulos, o qual defendeu **O Ginásio do Padre Palmeira como Fator de Transformação Social**; e Heleusa Figueira Câmara, cujo tema, **Escritas de si: lembranças estudantis no Ginásio de Conquista (1955-1858)**, trouxe suas reminiscências de adolescente e uma pequena janela do cotidiano do Ginásio.

O Ginásio Padre Palmeira

Popularmente conhecido como ‘Ginásio do Padre’, o prédio do Velho Ginásio de Conquista, está localizado na Praça Sá Barreto, aberta em 1904, hoje integrante da parte central da malha urbana de Vitória da Conquista. Segundo depoimento do Prof. Ruy Medeiros,

A construção do edifício ocorreu a partir da década de 1920, por iniciativa da Igreja Católica, com subscrição pública. Construído em parte, a Prefeitura Municipal o ampliou e ali manteve estabelecimento de ensino. Porém, em 1938, a Prefeitura Municipal o devolveu à Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória, mediante escritura de doação que se encontra registrada a fls. 270 do livro 3-H, do cartório do 1º ofício do Registro de Imóveis e Hipotecas da Comarca de Vitória da Conquista. No documento, o edifício foi descrito como “prédio sito à Praça Dr. Sá Barreto, nesta cidade e primeiro distrito de Conquista, contendo os vinte e cinco (25) janelas de frente, duas portas (02) e dois portões, inclusive pavilhão, muro de frente, com paredes de adobes, coberto de telhas, atijolado o chão, com dois salões assoalhos, forrado, murado, edificado em terreno foreiro da mesma Igreja Matriz de Nossa Senhora das Vitórias da Conquista, cercada pelo fundo, com cercas de arame nos três lados, separando-os dos vizinhos que são terrenos de Dr. Crescêncio Antunes da Silveira, terrenos ocupados pelo Município e terreno da mesma Igreja dados em arrendamento a terceiros (RUY H. A. MEDEIROS).

Após abrigar escola municipal e temporariamente o Educandário Sertanejo, propriedade do poeta Euclides Dantas, nas décadas de 1920 e 1930, a Igreja Matriz de N. S. da Vitória o doou ao Padre Luiz Soares Palmeira para que ali o referido religioso instalasse um ginásio (escola secundária). No mesmo ano, o Pe. Palmeira transferiu seu ginásio da Cidade de Caetitê para o prédio mencionado da Praça Sá Barreto, passando a funcionar aí o primeiro ginásio da região. O Padre Palmeira construiu, em anexo, sua residência, que seria demolida, já deteriorada, na década de 1970. O Ginásio de Conquista adquiriu grande nomeada e muitos conquistenses, que depois seguiriam diversas profissões, aí estudaram. Em razão disso, a comunidade local tem grande carinho pela casa por onde passa-

ram tantos alunos e professores.

Posteriormente, nos anos 60, o prédio foi transferido para a Diocese que aí manteve o Colégio Diocesano até a construção de outro prédio na mesma praça, para onde transferiu suas atividades. Mas, o velho prédio continuou servindo à educação e cultura. Aí funcionou, nos anos 70, a Faculdade de Formação de Professores, embrião da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e o museu Padre Palmeira, ligado ao Arquivo Municipal. Doravante, o prédio encontra-se de posse da UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em regime de comodato celebrado com a Diocese de Vitória da Conquista, para abrigar, justamente, o Museu Pedagógico. No momento, passa por uma reforma básica para recuperação de danos causados pelo tempo.

Os ex-alunos: história e memória

Primeiramente, recorreremos ao levantamento de documentos escritos sobre a escola, desde escritos de memorialistas, até jornais e documentos do próprio ginásio, bem como ao levantamento de informações junto a moradores que viveram na cidade no tempo da escola, para buscarmos os nossos informantes, os ex-alunos do Ginásio Padre Palmeira. Se os documentos escritos antecederam aos relatos orais, também podemos dizer o contrário, ou seja, que dos relatos orais também brotaram novos documentos, fotografias, revistas, jornais, cartas, e novas possibilidades de entrevistas que iam comparecendo e formando um todo indiviso sobre a História da Educação, da escola e da sociedade. Nessa relação de mão e contramão, fomos constituindo pesquisa e elegendo ou ampliando o acesso aos nossos informantes. Aqui vamos nos ater à análise dos relatos orais, mas isso quer dizer que as outras fontes comparecem em sua complementaridade.

Sobre quem foram os sujeitos sociais, alguns depoentes nos informam, a partir de suas próprias experiências, acerca da educação nas décadas de 50 e 60 do século 20, em geral, e sobre o Ginásio do Padre Palmeira, prevalentemente.

Para a depoente GF, estudar no Ginásio do Padre era um fator de *status* social levando-se em conta que o Ginásio era a mais importante instituição de ensino da região. Sobre os sujeitos sociais que, naquele

momento, tiveram acesso ao Ginásio, diz a depoente que foram, dentre outros:

Filhos de fazendeiros e de grandes criadores de gado da região, como Conquista, Itambé, Poções, Ita-petinga, Boa Nova, ou filhos de comerciantes de nossa cidade; Alunos que não podiam pagar eram beneficiados com bolsas de estudo cedidas pelo Padre Palmeira; Alunos que migravam, na sua grande maioria, do Educandário Juvêncio Terra, Escola Barão de Ma-caúbas (primeiro colégio público de Vitória da Conquista) Escola de Dona Helena Cristália Ferreira e do Colégio do Pastor João Norberto; Filhos de Protestantes, Católicos, e de um pequeno grupo de Espíritas (onde destacamos as famílias, Prates e Santos) que estudavam no ginásio sem nenhum ‘choque’ de religião. O Padre Palmeira era o mais fidedigno exemplo, de respeito às crenças dos seus alunos e a paz reinava no ginásio sem ‘mortos ou feridos em nome da fé’; As moças ‘de boa família’ que, na sua maioria estudavam piano, e começavam a preparar enxovais desde muito jovens, pois, os casamentos com jovens ricos (ou, tendo muita sorte, com doutores) era sua única forma garantida, de ascensão social.

GF rememora, ainda, aspectos reveladores sobre a moral e os bons costumes da época, quando o interesse da escola ia além das fronteiras da sala de aula:

O Padre Palmeira sabia de tudo que acontecia com seus jovens alunos, fosse nas matinês do Cine Gloria ou do Cine Conquista, ou mesmo na Praça das Borboletas hoje, a despersonalizada praça Tancredo Neves. O Padre, zeloso da conduta de suas alunas interferia no comportamento extra-classe chamando atenção (caso ficasse sabendo) das meninas.

Com o passar do tempo, observamos que as lembranças boas daquele tempo eclipsam, às vezes, completamente, as más lembranças, como fica evidenciado no relato de WB, que discorre entremeando múltiplos elogios para o Ginásio e para seu mentor, Padre Palmeira e sobre a importância do Ginásio para a região:

O Ginásio de Conquista exerceu papel relevante para o desenvolvimento da nossa microrregião. Daí afirmarmos, sem qualquer possibilidade de erro, que ele se constituiu em fator de transformação social [...] Antes de o Padre Palmeira, com seu espírito de liderança, sua cultura, sua inteligência, seu saber, pisar o solo da nossa Cidade, não dispúnhamos de um ‘curso ginásial’, mas apenas do ‘primário’, terminologias então utilizadas em nossa legislação do ensino. Os pais que possuíam condição econômica ao menos satisfatória teriam que deslocar seus filhos para outros centros mais desenvolvidos do que o nosso, principalmente para a Capital do Estado, no sentido de que pudessem receber uma educação secundária e até mesmo superior, o que evidentemente se constituía numa exceção, posto que o poder aquisitivo se restringia a poucas pessoas que detinham o poder econômico, político e social da nossa terra.

Segundo o relato de WB, com a vinda do Ginásio de Conquista, a cidade teve a oportunidade de experimentar uma nova realidade, abrindo novos caminhos para que os pais pudessem educar seus filhos de modo mais eficaz, proporcionando-lhes conhecimentos mais amplos e mais profundos, com realce ao corpo docente de que dispunha o nosso Ginásio. Nas palavras do depoente: “Não somente nós, conquistenses, fomos beneficiados, como também os jovens de toda nossa microrregião, que para aqui se dirigiram, à busca do saber”. Acrescenta, ainda:

Vitória da Conquista deixou de ser aquela cidade que oferecia dentro do setor de ensino somente o curso primário, para também proporcionar aos seus filhos e aos filhos das regiões vizinhas um curso ginásial. Os ideais dos jovens passaram a atingir novos horizontes, desde quando, ao concluírem o ginásio, partiam para os centros mais evoluídos, a exemplo de Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, mesmo porque, com a conclusão do curso ginásial, os que dispunham de condições econômico-financeiras mais baixas, conseguiram emprego, o que lhes possibilitou estudarem o curso “científico” ou o “clássico”, conforme suas tendências para as profissões ligadas às ciências exatas ou às ciências sociais, respectivamente. Inúmeros foram os jovens be-

neficiados, e, ao se formarem, retornaram a Vitória da Conquista, muitos deles exercendo suas atividades profissionais com zelo, dedicação e responsabilidade. O exemplo está nos amigos que nos antecederam, neste encontro feliz desta tarde de sexta-feira, quando tiveram oportunidade de relatar, em seus temas específicos, aspectos históricos valiosíssimos, ligados ao nosso querido Ginásio de Conquista, que ainda continua vivo em nossas mentes e em nossos corações.

O relato de WB é cheio de boas recordações sobre o Ginásio do Padre, como podemos observar, quando ele diz:

A realidade é que o Padre Palmeira soube plantar e soube semear a cultura em nossa terra. E a prova disto está na sua memória, jamais esquecida por todos nós. Sua imagem está viva em nossas mentes. Suas palavras, seus conceitos, seu conhecimento profundo do ser humano, sua presença de espírito, que às vezes (quantas vezes!), desconsertava os mais afoitos, os mais “valentes”, ainda persistem em nossas mentes, como eternos alunos do Ginásio de Conquista.

HF, antigo morador, dono de uma memória prodigiosa, elencou todos os professores do seu tempo de escola, desde que ingressou no Ginásio em 1945. Foram lembrados, com muitas manifestações emotivas, os nomes de alguns dos professores, dentre os quais:

Luiz Barreto, Everardo Públio de Castro, Emerita David de Castro, Alfonso Hofmann, Orlando Leite, Ruth Teixeira Vieira, Beatriz Hofmann, Jorge Soares Palmeira, Ester Augusta Gomes Silva, Maria Lúcia Gomes Silva, Ilza Carvalho Teixeira, José Amorim Primo, Adélia Caetano, Lia Rocha, Moisés Faria Bonfim, Antônio de M. Ferreira, Emma Maria Sá Nascimento, Sargento Manoel Dias Albuquerque, Sargento Edilton Santos, o Inspetor Anfrísio Áureo de Sousa e muitos outros que lecionaram no Ginásio.

Foram lembrados, também, por HF, outros alunos que passaram pelo Ginásio, como Franklin Ferraz, Dalva Flores, Nilton Gonçalves e tantos mais, hoje, considerados como motivo de orgulho da cidade.

Este mesmo depoente rememora a “excelente

oratória do Padre Palmeira, com sua verve, sua voz de trovão, bonito, elegante na sua batina” cogitando, inclusive, que algumas moças se apaixonavam por aquela figura imponente. Diz HF que, além de diretor, o Padre lecionava Latim, sendo que, quando faltava qualquer um dos professores, de qualquer matéria, o Padre o substituíria, tanto em Português e Matemática quanto em História, Geografia, Desenho, Ciências, com uma competência inimaginável. Acrescenta HF que

Um lado característico do Padre Palmeira era a energia e determinação, fora do comum, ademais, uma agressividade na hora de punir os faltosos, que, na hora do castigo, ele abria mão da palmatória e ‘ia no braço mesmo’. Eu me lembro de Hélio Flores, meu primo, que levou uma surra homérica, sendo preciso que Dalva, sua irmã, visse da sala vizinha socorrer o irmão, chegando a rasgar a batina do Padre. ‘Os botões da batina voaram por todo lado.

O mesmo depoente rememora outros episódios de violência do Padre Palmeira contra outros alunos, contra políticos dos quais era inimigo e, mesmo, contra paroquianos ou prestadores de serviço do Colégio, porém, sem disfarçar sua admiração por essa pedagogia tão comum naqueles anos.

Outro depoente, NC, relata sobre a vida e a pedagogia do Professor Everardo Públio de Castro. Ele conta que, além da ação pedagógica em sala de aula, o Professor Everardo tinha como missão conscientizar os alunos, principalmente do ponto de vista político. Everardo Públio de Castro foi preso na ditadura militar e foram cassados os seus direitos de lecionar. Passou a labutar com plantação de legumes. NC, que também foi preso na ditadura militar, dividiu a mesma cela com o Professor Everardo, em um quartel em Salvador, fato que rememora com lágrimas nos olhos. Em seu depoimento escrito, transcreveu, também, trechos de um artigo que Everardo escreveu para o *Semanário Fife*, em 1977:

Vim para esta cidade com um objetivo único em mira: ensinar. Era março de 1938. Cheguei com a nossa mudança de vez. E, com ela, eu, Ita e os meninos. Um de seis e outro de 18 meses. Vínhamos de Jacaracy, um recanto suíço da Bahia –

onde eu fora feliz sem saber [...]. Meu primeiro contato com esta cidade foi à noitinha. Paramos com o caminhão que nos trazia no Hotel Conquista, onde nos hospedamos, local onde, hoje, se levanta o majestoso e, sobretudo bonito, edifício do Banco do Brasil [...] (EVERARDO PÚBLIO DE CASTRO)

Segundo o depoente, Everardo prossegue, mais adiante, após ter feito um reconhecimento da cidade naquela mesma noite, a pé, quando revelou sua estranheza pela grande praça, sem calçamento e sem árvore, (a atual praça Tancredo Neves), que se estendia então da porta daquele hotel até a Igreja:

O caminhão que nos trouxe ficou ‘arrumado’ na porta do hotel, onde dormimos. No dia seguinte, logo pela manhã, já nos mudávamos para a praça da Escola, (hoje, Praça Estevão Santos) onde seria a nossa meca de trabalho. Ali, no Grupo Escolar ‘Barão de Macaúbas’ – simplesmente Escola ‘Barão de Macaúbas’ - (onde se ergue hoje o Fórum João Mangabeira), começamos, aqui, a nossa comprida vida de trabalho paciente e criador de ensinar (Everardo Públio de Castro).

No que diz respeito aos aspectos pedagógicos, nas palavras de NC, o Prof. Everardo foi um grande inovador nos métodos de ensino e na formação da personalidade e espírito cívico dos meninos que lá se matriculavam. Diariamente, antes do início das aulas, o Prof. Everardo reunia o alunado e os professores num *hall* interno da escola em forma de retângulo e, passeando por uma linha central deste retângulo, orquestrava o canto do Hino Nacional. Segundo o depoente, uma vez seu pai recebeu a visita do Pe. Thomaz Aquino Barbosa, que, após entrevistas com personalidades locais e com os pais dos alunos, veio cumprimentar-lhe pelo exemplo de educação que ele estava imprimindo aos alunos, principalmente pelo modo como os pais falavam da mudança de comportamento dos seus filhos, com atitudes de caráter positivas e de educação, tanto em casa como no meio social em que estavam inseridos.

O Prof. Everardo ensinou História e Geografia Geral no Ginásio de Conquista e exerceu também a função de Diretor da Escola Normal Euclides

Dantas. Suas aulas de História ressaltavam os feitos épicos dos heróis das guerras da civilização helênica, discorriam sobre as guerras púnicas, falavam com particular entusiasmo sobre a história do Egito e seu legado, sobre a Macedônia e seu Povo, traziam a mitologia grega para o plano do entendimento entre os filósofos da antiguidade, destacavam o significado para as gerações futuras das 7 Maravilhas do Mundo, de modo que prendiam a atenção de todos, tanto pela maneira dramática de apresentação dos fatos, como pela retórica que ele usava, a ponto de ele próprio, muitas vezes, chorar de emoção [...] Mas suas aulas não ficavam restringidas apenas aos puros fatos da História. Ele os interpretava, dava-lhes um sentido, tirava deles as lições que fossem capazes de dignificar a alma humana, de mostrar sua grandeza à época em que se deram aqueles fatos, procurando dirigir estes ensinamentos sempre no sentido de poder ajudar na formação moral e ética dos alunos.

Na opinião de NC, talvez o clima cultural, cívico e humano de Caetité, berço também do amigo pessoal de Everardo, Anísio Teixeira, e de Hermes Lima, educadores, ambos conhecidos por todo o País e cujos serviços prestados à causa da Educação criaram sólidas raízes nos nossos meios educacionais, “talvez este clima lhe tivesse ajudado a moldar sua personalidade para resistir aos embates que a Vida sempre lhe trouxe, dos quais se saiu sempre como um vencedor e perante os quais se apresentava sempre como um filósofo, humanista, historiador”.

Outro palestrante, Prof. UB, inicia seu depoimento lamentando a mutilação que sofreu o prédio do Ginásio, que perdeu a imensa área dos fundos, onde funcionavam as aulas de ginástica e onde os alunos jogavam futebol, e a edificação lateral onde ficava a residência do Padre Palmeira e aonde ele acolhia os internos. Para o depoente a destruição desses espaços significa um verdadeiro atentado à memória arquitetônica, artística e cultural da cidade, visto se tratar de um prédio, neoclássico, da virada do século e lugar afetivo na memória conquistense.

UB fala dos primeiros moradores, das primeiras famílias e dos forasteiros, do Recôncavo Baiano e do Nordeste, que, aos poucos, foram chegando. Fala, ademais, da primeira geração de doutores, ainda forastei-

ros que para aqui vieram, aqui se casaram e aqui se fixaram. Informa, então, que a pedido do grupo de pesquisa, elencou, de memória, mais de quatrocentos nomes de ex-alunos (400) do Ginásio do Padre Palmeira, dos quais cento e trinta e um (131), aproximadamente, fizeram curso superior na capital, em diversas profissões ditas liberais. Assim, de um total de 400 alunos, 33 % se formaram, ou seja, 131 deles, o que demonstra não só o nível de ensino do Ginásio como a situação econômica e social desta clientela. A hipótese de UB é a de que foi com a instalação do Ginásio de Conquista que, de fato, começou a transição política e educacional da Vitória da Conquista e conseqüente mudança de hábitos, mentalidade e atitudes dos seus moradores.

Já realizamos dois seminários com pessoas de notório saber sobre a comunidade e estamos às vésperas de um terceiro. Realizamos, também, algumas entrevistas. Outros palestrantes foram ouvidos. Seus depoimentos serão, oportunamente, analisados e comunicados, uma vez que a presente pesquisa encontra-se, ainda, em andamento.

Destarte, nós do **Grupo de Pesquisa Fundamentos da Educação em Vitória da Conquista**, durante mais de um mês, suspendemos os nossos estudos sobre a literatura teórica, aspectos metodológicos e literatura sobre o tema que nos agrupa e, nos dedicamos à busca das fontes sobre o nosso objeto, no caso, a própria memória viva dos atores (várias gerações) que vivenciaram o cotidiano do Ginásio de Conquista e conviveram de perto com o seu fundador, Padre Luis Palmeira, que, como foi lembrado, trouxe com ele o Ginásio, de Caetité, e o instalou no prédio construído pelo Intendente de Vitória da Conquista, Ascendino Melo (Dino Correia), na década de 30.

Uma conclusão inconclusa

Os registros nos documentos da escola nos levaram aos atores e protagonistas que compuseram a história da educação na nossa cidade, fazendo com que o dito arquivo “esquecido”, e guardado na suas memórias, possibilitasse o resgate da história da educação. Recorrendo a Bloch (1957) diríamos que, quan-

do essas memórias passam a ser interrogadas, as pessoas “falam” e nos dão pistas para ampliar o nosso “olhar” sobre a educação, e indicar que os sujeitos, ex-alunos, mulheres e homens, que, inclusive povoam a cidade como sujeitos públicos, anônima ou esquecidos pelo tempo, se apropriam de um tempo que lhes pertenceram, de forma tão viva, que o passado rebrotase no presente e os fazem, outra vez, recuperar a suas próprias histórias entrelaçadas com a história da escola, nos oportunizando a realizar várias leituras, entre o dito, o não dito, e o entrelaçamento entre as faces dessa mesma realidade.

No confronto entre os depoimentos locais e a análise das políticas educacionais do contexto, podemos observar que tudo indica que continuavam coexistindo dois projetos: o da realização da escola primária de um lado, e o da escola secundária de outro, e que estas ainda estavam longe de serem unificadas, apesar da luta dos pioneiros da escola nova em defesa da articulação do ensino primário ao secundário, desde o Manifesto de 1932. O classismo do ensino secundário, sob forte privatização religiosa, na sua oferta educativa, indicava o quanto o seu acesso era seletivo. Contudo, qual é a face ou quais são as “faces” concretas (s) dessa realidade?

Os depoentes, no caso, pessoas de notório saber sobre a comunidade, alguns, professores, além do cabedal da memória, possuem documentos elucidativos e elaboram suas próprias interpretações daquele tempo vivido. Diante disso, revelam uma escola pensada para formar a “*intelligentsia* do País”, em suas regiões, mas, também, uma escola que alimenta a relação entre a educação tradicional e a clássica, as quais se confundiam em um dado momento da história da escola. Também revelam que a “organização do ensino”, no sentido da sua formação “clássica”, indica lições da história da escola.

REFERÊNCIAS

- BLOCH, M. **Introdução a la historia**. México, Buenos Aires: FCE, 1957.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LEI 4.024, 1961.
- DEMARTINI, Z. Questões teórico-metodológicas da História

da Educação IN: **História e História da Educação: o debate teórico-metodológico atual**. Campinas (SP): Autores Associados/HISTEDBR, 2000.

Livro 3-H, do Cartório do 1º Ofício do Registro de Imóveis e Hipotecas da Comarca de Vitória da Conquista.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local:**

fragmentos e recomposição da história na crise da modernidade. Feira de Santana: UEFS; Salvador: Arcádia. 2002.

NÓBREGA, V.L. **Enciclopédia da Legislação do ensino**. Rio de Janeiro, s.d.

RICHARDSON, Roberto Jarry et alii. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.